1911-1920

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. 1911-1920. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 62-77. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1911

1920

1911 - 1920

De 1910 a 1920

- 01 Chaminé
- 02 Forno de incineração de lixo
- 03 Depósito do incinerador
- 04 Barracão para animais
- 05 Depósito
- 06 Depósito
- 11 Cocheira Instituto Soroterápico
- 12 Antiga Cavalaria - demolido na década de 10
- 13 Barracão para operários
- 14 Cocheira
- 15 Residência para funcionários
- 16 Depósito - demolido na década de 10

- 17 Pesqueira - demolido na década de 10
- 18 Cais
- 20 Pombal
- 21 Cavalaria
- 22 Pavilhão do Relógio
- 23 Caramanchão
- 24 Pavilhão Mourisco
- 25 Horta - Ilha do Pinheiro
- 26 Viveiro de peixes - Ilha do Pinheiro
- 27 Residência do zelador - Ilha do Pinheiro
- 28 Residência Museu de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro

- 29 Hospital Evandro Chagas
- 30 Cantina
- 31 Residência
- 32 Ambulatório HEC
- 33 Biotério HEC
- 34 Depósito
- 35 Aquário de água salgada
- 36 Pavilhão Figueiredo Vasconcellos
- 37 Anexo Casa de Chá
- 38 Bichário

0 50 100 200

BASE CARTOGRÁFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFÉTICO IPP/PCRJ
FOTO AÉREA - ESCOLA DE AVIAÇÃO NAVAL - 1922
PLANTA DA ILHA DO PINHEIRO - G.B. - 1921

PARADA DO AMORIM
LEOPOLDINA RAILWAY
ESTRADA RIO-PETRÓPOLIS

RIO FARIA

CANAL DA BARRINHA

- Terreno da Fiocruz
- Área perdida
- Edificações preexistentes
- Edificações construídas na década de 10

BAÍA DE GUANABARA

PORTO DE INHAÚMA

Oswaldo Gonçalves Cruz
Diretor do Instituto
Soroterápico
Federal
e a partir de 1908
Instituto
Oswaldo Cruz
de 9 de dezembro
de 1902 a 11 de
fevereiro de 1917.

O programa de construção e de modernização das instalações do Instituto prosseguiu em 1912, quando foram iniciadas as obras do Hospital Oswaldo Cruz. Este pavilhão fazia parte de um complexo hospitalar projetado inicialmente para funcionar com seis unidades, das quais apenas uma foi construída. A escolha da outra colina do Instituto para a construção do Hospital Oswaldo Cruz (atual Hospital Evandro Chagas) tinha como intenção isolar o

INSTITUTO OSWALDO CRUZ HOSPITAL

Escala 1/100

— Corte A.B. —

— Alçado lateral e corte em C.D. —

— Alçado principal —

Carlos Ribeiro
Justiniano
das Chagas
Diretor do Instituto
Oswaldo Cruz
de 14 de fevereiro
de 1917
a 8 de novembro
de 1934.

Hospital Oswaldo Cruz (atual Hospital Evandro Chagas), projeto do arquiteto Luiz Moraes Jr. (DAD/Fiocruz)

Vista do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos a partir da varanda do Hospital Evandro Chagas. Da esquerda para a direita: pombal, aquário (demolido), cavalaria, estrebaria (demolida) e Pavilhão Mourisco. Em primeiro plano as antigas instalações dos fornos incineradores de lixo com destaque para a chaminé. 1918. (MIS/Coleção Augusto Malta)

Th. J. de F. 1912
Chaves
25 de Fevereiro de 1912
Evaristo Cruz

Legenda

- a - Quarto isolado
- b - Banheiros para doente
- c - Vestiário do medico

local das áreas de trabalho laboratorial do Instituto. Trata-se de construção de dois pavimentos, cuja organização espacial distribui, ao centro, as áreas de serviços básicos e, nas extremidades, as áreas de apoio, como cozinha, lavanderia etc. Interligando essas áreas, situam-se os quartos das enfermarias. Externamente, o edifício obteve uma solução sóbria, simétrica, em que os elementos ornamentais restringem-se às varandas que circundam as enfermarias, proporcionando uma boa aclimação dos ambientes internos. O Hospital Evandro Chagas induziu à construção de pequenos edifícios de apoio, que já aparecem no seu entorno no fim da década de 10 e que foram utilizados posteriormente como cantina, residência, ambulatório, biotério e depósito.

Início das obras do Hospital Oswaldo Cruz (atual Evandro Chagas). Ao fundo a chaminé dos fornos incineradores de lixo e o conjunto arquitetônico de Manguinhos. Abaixo, o aspecto final do hospital. (1912 - DAD/Fiocruz)

O ano de 1915³⁷ marca o início da construção do edifício do Aquário de Água Salgada, que tinha uma ligação direta com o mar. Nele se estudavam microorganismos aquáticos. Sua linguagem arquitetônica, em *art nouveau*, contrastava fortemente com os demais edifícios do conjunto e foi uma das poucas tentativas de Moraes de adotar uma linguagem arquitetônica mais contemporânea. Perdendo suas funções, com a construção da Avenida Brasil (1939-1946), uma vez que a ligação com o mar foi interrompida, o aquário ficou em ruínas até a década de 60, quando foi demolido. Herman Lent,³⁸ que conheceu o Aquário e admirava sua arquitetura, não sabe explicar o motivo de sua destruição, mas se recorda de que nele José Gomes de Faria estudava plâncton.

Naqueles anos apareceram também registros referentes ao primeiro refeitório do Instituto,³⁹ na época chamado de Caramanchão, hoje de Casa de Chá. Lent⁴⁰ comenta

³⁷ O *Jornal do Commercio* de 20/2/1915 noticiava: "Numa próxima eminência nota-se por acabar o grande aquário e mais abaixo está a grande construção destinada a guardar os animais em serviço de sôro". O livro de Ezequiel Dias, sobre o Instituto Oswaldo Cruz, ao descrever a relação de edifícios existentes em Manguinhos, menciona 'aquários' ainda em construção (Dias, 1918:22). O livro *Manguinhos, do Sonho à Vida: a ciência na Belle Époque* (Benchimol, 1990:136), afirma ter sido levantado o Aquário de Água Salgada entre 1905 e 1908. Adotou-se as fontes primárias de 1915 e 1918.

³⁸ Herman Lent – Trecho de depoimento, de 15 de junho de 2000, registrado na fita 1, lado B.

³⁹ O *Jornal do Commercio* de fevereiro de 1915 noticiava: "O instituto fornece ao seu pessoal tecnico almoço e jantar. Essas refeições são servidas num pitoresco pavilhão rústico construído nas proximidades do edificio principal. Havia sério problema a resolver na ocasião de erguer essa nova dependência. Existiam várias árvores, entre as quaes uma grande figueira frondosa, pela qual o Dr. Oswaldo tinha especial sympathia. Junto dela erguiam-se outras árvores. Pois o pavilhão foi edificado e as árvores não foram sacrificadas. Fez-se um trabalho especial de defesa das árvores de modo que os ramos da figueira varam livremente o tecto do pavilhão, protegendo o refeitório com a sua sombra cariciosa."

⁴⁰ Herman Lent – Trecho de depoimento, de 15 de junho de 2000, registrado na fita 1, lado A.

INSTITUTO „OSWALDO CRUZ”

AQUÁRIO.

Projeto do Aquário.
Traço original de
Luiz Moraes Jr.
(DAD/Fiocruz)

Em primeiro plano o
Pavilhão da Peste (atual
Pavilhão do Relógio) e ao
fundo o Aquário logo após a
sua construção.
(c. 1915 - DAD/Fiocruz)

que, no seu tempo, no Caramanchão almoçavam apenas os cientistas e alguns técnicos mais graduados. Segundo ele, os demais funcionários almoçavam em um edifício anexo, construído provavelmente na década de 20, onde funcionava também a cozinha.

Em 14 de fevereiro de 1917, com Oswaldo Cruz já doente, Carlos Chagas assumiu a direção do IOC e deu continuidade à construção do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos.

Entre os anos de 1914 e 1918, parte das obras de construção do Pavilhão Mourisco e dos hospitais Evandro Chagas e de Lassance (Anexo II) foi financiada com recursos próprios do Instituto. O Hospital Evandro Chagas foi concluído em 1918. Essa nova forma de financiamento tornou-se possível graças às verbas próprias do Instituto e dos recursos provenientes da venda de vacinas contra a peste da manqueira.

A partir de 1910, foram levantadas as paredes do terceiro, quarto e quinto pavimentos do Pavilhão Mourisco e, nos anos sucessivos, foram construídos os terraços e as torres. Em 1918, o museu e a biblioteca já estavam instalados no terceiro pavimento e os trabalhos de ornamentação do *hall* e do salão nobre da biblioteca, bem como os trabalhos de fundição dos ornamentos externos em cimento e areia já haviam sido concluídos. Naquele ano, os equipamentos de laboratório e as instalações elétricas, térmicas, telefônicas e telegráficas já tinham sido implantadas. A maior parte dos equipamentos foi fornecida pela empresa alemã Siemens e Halke. O Pavilhão Mourisco, na época de sua inauguração, era um dos edifícios dotados da maior sofisticação tecnológica do País.

Cientistas de Manguinhos em visita às obras de construção do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

Vista da escadaria e do primitivo jardim e da Baía de Guanabara a partir do Pavilhão Mourisco. Ao fundo vê-se o cais de embarque. (DAD/Fiocruz)

Interior do Caramanchão, atual Casa de Chá, local de refeições e ponto de encontro dos cientistas até o início da década de 50, quando foi inaugurado o Pavilhão do Restaurante Central. A figueira que aparece à direita foi morta por herbicidas mal-empregados, na década de 70. (DAD/Fiocruz)

Layout do Pavilhão Mourisco em 1918. Fonte: livro de Ezequiel Dias - *O Instituto Oswaldo Cruz*

Tipografia

Laboratório do chefe de Serviço

TÉRREO

1. Sala de distribuição asséptica
2. Sala de aparelhos
3. Sala de acondicionamento
4. Depósito
5. Estufa 39°
6. Estufa 37°
7. Laboratório para sementeiras
8. Câmara de cultura
9. Oficina de serralha e carpintaria
10. Usina elétrica
11. Bombeiro
12. Sala de preparo e meio de cultura
13. Tipografia (desde 1912)

Museu Oswaldo Cruz

1º PAVIMENTO

1. Laboratório do chefe de Serviço
2. Laboratório do assistente
3. Laboratório
4. Laboratório de química e física
5. Raio X
6. Gabinete das balanças de precisão
7. Relógio elétrico
8. Zelador
9. Laboratório do diretor
10. Museu Oswaldo Cruz

2º PAVIMENTO

1. Laboratório do chefe de serviço
2. Laboratório do assistente
3. Laboratório
4. Laboratório de química e física
5. Gabinete das balanças de precisão
6. Raio X
7. Laboratório do diretor
8. Museu Oswaldo Cruz

Museu patológico

Gabinete do sr. J. Pinto

3º PAVIMENTO

1. Museu patológico
2. Oficina de encadernação
3. Acervo biblioteca (desde 1911)
4. Sala de fichário
5. Sala de leitura

Dormitório principal (Oswaldo Cruz)

4º PAVIMENTO

1. Gabinete do sr. J. Pinto
2. Cinematografia
3. Acervo
4. Macrofotografia
5. Microfotografia

5º PAVIMENTO

1. Dormitórios
2. Salão de repouso
3. Dormitório principal (Oswaldo Cruz)

Oswaldo Cruz, morto prematuramente em 11 de fevereiro de 1917, não pôde ver concluído o conjunto arquitetônico que idealizou no início do século XX com Luiz Moraes Júnior. Faltava ainda o Pavilhão dos Medicamentos Oficiais, ou Pavilhão da Química, ou ainda Quinino, como é comumente conhecido o atual Pavilhão Figueiredo Vasconcellos, cuja construção iniciou-se apenas em 1919.

Praça Pasteur na sua configuração original no início do século XX, com os edifícios do Aquário e do Quinino. (c. 1919 – DAD/Fiocruz)

PACHAPA L

Projeto do Pavilhão do Quinino, antes da sobrelevação de 1943. Traço original de Luiz Moraes Jr. (DAD/Fiocruz)